

JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA
OS VIVOS
E OS OUTROS

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

PRIMEIRO DIA

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

*“No princípio havia chauta (deus) e a terra parada.
Um dia, um relâmpago imenso desenhou nos céus
a chuva que trouxe à terra o homem e todos os animais.”
— Ana Mafalda Leite, em “A lenda da criação”*

1

O mar continua pendurado na janela da sala, como um quadro um pouco torto, mas já não é o mesmo que Daniel Benchimol encontrou ao chegar à ilha, três anos antes. Mergulhou nele vezes sem conta. Conhece as correntes e as marés. Sabe onde repousam as naus, os galeões, os *dhow*s e os pangaios naufragados. Visitou as praias mais secretas. Olhou as baleias nos olhos e viu-as partir.

A partir do momento em que privamos com eles, os lugares, como as pessoas, passam a ser outros. O escritor puxa uma cadeira até a janela e senta-se de frente para a luz, bebendo chá gelado. Moira ainda dorme, segurando com ambas as mãos a barriga dilatada. Também já não é a mesma mulher que ele conheceu, numa esplêndida tarde de abril, na larga varanda de um casarão colonial, na Cidade do Cabo.

A intimidade é o paraíso. A intimidade é o inferno. Apaixonamo-nos pelo que ainda não conhecemos. Chamamos amor ao que acontece à paixão depois que a intimidade se instala. Isso, tendo sorte. Ele, Daniel, tivera sorte, quer com Moira, quer com a ilha dela.

Calça um par de tênis e sai para o ar salgado da manhã. Corre ao longo da rua dos Combatentes, junto à amurada, e depois pela praia, até a igreja de Santo António, seguido por alguns garotos que o incentivam – “força, tio Daniel!”, “mais depressa, tio!”. Dá meia-volta e retorna. Moira o aguarda na cozinha, com a mesa posta. Estende-lhe um copo.

— É sumo dos nossos limões. Bebe!

Daniel assim faz. Toma um duche rápido e junta-se a ela, à mesa.

— Está tudo pronto para o início do festival? — pergunta, enquanto abre um mucate, pão feito de farinha de arroz e leite de coco, e o barra com manteiga de amendoim. — Isto vai dar-te muito trabalho.

— Está sendo divertido — contesta Moira. — E não, ainda não chegaram todos. Temos uma boa equipe. Vai correr bem.

Veste um bubu largo, o qual não consegue ocultar a barriga de nove meses. Esconde as grossas rastas por dentro de um turbante alto, vermelho e amarelo, que lhe alonga o rosto.

— Como está a bebê?

— O bebê! Agora está a dormir.

— É uma menina. Tenho certeza. Vai chamar-se Tetembua.

— Menino ou menina, despede-te dele agora porque tenho de ir trabalhar.

Daniel a beija no umbigo e depois nos lábios. Moira sai. Ele entra no escritório e senta-se ao computador. Escreve durante meia hora. O telefone anuncia a chegada de uma nova mensagem. É de Uli Lima:

“Estás muito ocupado? Podes matabichar comigo?”

“Estava à espera que acordasses”, responde o angolano. “Vou ter contigo.”

Uli chegara à ilha no dia anterior. Vinha cansado, após uma longa digressão por Espanha, França e Alemanha. Haviām jantado juntos no Karibu, um restaurante de comida honesta, nas palavras de Moira. Comida desonesta, para ela, é toda a cozinha industrial, que utiliza vegetais tratados com pesticidas, galinhas de aviário e peixes criados em viveiros. Comeram atum com molho de gengibre, e depois Daniel acompanhou o amigo ao hotel, o Villa Sands, onde estavam alojadas duas outras escritoras, ambas angolanas, Ofélia Eastermann e Luzia Valente.

Ofélia Eastermann desperta com quatro versos bailando na cabeça: “Depois da meia-noite, às sextas-feiras,/ Ofélia costurava no céu o infinito./ Enquanto isso, a brisa fluía entre palmeiras,/um rio-rumor de espíritos”.

Levanta-se e anota-os num pequeno caderno de capa vermelha, no qual escreveu em rudes letras negras: “Lixo onírico”.

Sempre que alguém lhe pergunta: “De onde a senhora é?”, Ofélia fecha os olhos e vê as ásperas mulolas pelas quais, na época das chuvas, correm súbitos rios. Vê os lentos caminhos de gravilha entre espinheiras, as carcaças ferrugentas dos navios, os mabecos levitando sobre as dunas. Vê uma mulher com a pele tingida de vermelho-ocre, tranças grossas, segurando uma menina nos braços. “Sou do Sul”, responde. Noutras ocasiões, pretendendo chocar os interlocutores, o que acontece muito, escolhe uma fórmula diferente: “Sou de todas as camas em que fui feliz”.

Em certa ocasião, durante uma entrevista, irritou-se com uma pergunta do entrevistador – “A senhora nasceu no sul de Angola, cresceu em Lisboa e vive no Rio de Janeiro. Afinal, sente-se mais angolana, portuguesa ou brasileira?” – e, como a indignação é uma espécie de embriaguez, perdeu a compostura, assustando o jornalista com um grito que figura agora em centenas de sites literários, bons, maus e péssimos: “Eu sou é das palmeiras. Foda-se! Nem angolana, nem brasileira, nem portuguesa! Onde há uma palmeira, eu sou de lá! Sou do mar, e das florestas, e das savanas. Venho de um mundo que ainda não chegou – sem deus, sem reis, sem fronteiras e sem exércitos”.

Ofélia detesta a declaração, mas não há nada que possa fazer para impedir que continue a se propagar. Pessoas que nunca leram sua poesia, e jamais lerão, partilham o desabafo lírico, como conspiradores trocando senhas e contrassenhas. Sua editora brasileira mandou

fazer uma camiseta com a frase “Eu sou é das palmeiras. Foda-se!” e colocou-a à venda em livrarias e festivais literários. Ofélia ganha mais com as camisetas que com os livros. Levanta-se, enquanto pensa sobre tudo isso, e espreita pela janela. Vê Daniel chegar, apressado, ele está sempre a mil, como se uma perpétua ventania o empurrasse pelas costas. Uli Lima espera-o numa cadeira, junto à piscina. Ao contrário do angolano, emana uma placidez natural, vive em estado de domingo. Os dois amigos abraçam-se, e, ao vê-los, a poetisa pensa que gostaria de ter um amigo escritor. Ou uma amiga. Uma amiga parece-lhe ainda mais improvável, sempre se deu melhor com homens que com mulheres. Sente falta de alguém com quem trocar livros e opiniões, a quem mostrar versos tortos. Sabe o que dizem dela: que é arrogante, invejosa, vaidosa e maluca. Maluca, tudo bem. Maluca não a ofende. Ser maluco significa insurgir-se contra a norma, e a norma é a corrupção, a lisonja, o servilismo. Quanto à vaidade, tem perfeita consciência do que vale e não vê necessidade de escondê-lo; a modestia é a virtude possível dos mediocres. *Também não sou arrogante, pensa, o que sou é franca.* Muita gente confunde desassombro com arrogância. Invejosa, sim, não consegue evitar. Irrita-a o sucesso dos imbecis. Daniel, por exemplo, era um jornalista razoável, lembra-se de ter lido uma reportagem dele, muito interessante, sobre uma aldeia que desapareceu durante a guerra civil. Como as pessoas gostavam de ler suas reportagens e lhe davam pancadinhas nas costas, “parabéns, mano, escreves muito bem!”, o bom homem convenceu-se de que podia ser escritor e publicou três romances ingênuos, quase infantis, e, no entanto, intoleravelmente pretensiosos. Venderam muito bem. Isso não a surpreendeu. As pessoas apreciam as historiazinhas simplórias disfarçadas de fábulas complexas: girafas falantes, mistérios burlescos, lições de vida prontas a servir. Uli ainda a enerva mais, porque, esse sim, tem um talento formidável, um sentido de ritmo, uma facilidade prodigiosa para criar enredos. O tipo escreve sem esforço. Triunfa sem suar. Lembra aqueles caubóis dos velhos *westerns*, que

enfrentavam quinze bandidos dentro de um bar, a soco e pontapé, e terminavam a briga com o chapéu na cabeça e sem uma única ruga na camisa imaculadamente branca. Deviam ter-lhe torcido o pescoço à nascença. Ainda por cima, é um homem bonito, encantador, com uma voz baixa e um pouco rouca, capaz de transformar em carne palpitante o frio coração das rochas. Inveja-o, mas dormiria com ele de bom grado.

Vê-se ao espelho. Nos últimos anos, engordou quinze quilos. Perdeu a cintura. Em contrapartida, os seios ganharam volume. Acha-se bonita. Tem uma cabeleira farta, desgrenhada, que lhe dá um ar feroz, e uns olhos largos, brilhantes como espelhos. Os olhos não envelheceram. Continua a usá-los com sucesso para atrair incautos. Sorri para si mesma. Depois escolhe um vestido leve, vermelho-pitanga, pinta os lábios em tom idêntico e desce para o bar, junto à piscina, à procura de um café que a devolva à vida.

3

A galeria de arte do hotel Villa Sands ocupa um edifício retangular, pintado de branco, diante do mercado de peixe. Entra-se numa sala ampla, muito bem iluminada, em que se expõem telas e fotografias, e a partir dela acede-se a um pequeno jardim interior. O bar fica ali. Cornelia Oluokun, sentada a uma mesa, bebe um café enquanto usa o telefone para trocar mensagens com o marido. Diante da escritora nigeriana, de pé, olhando-a perplexa, está uma menina. A pequena seguiu Cornelia desde o Terraço das Quitandas, onde a escritora está alojada. O cabelo, muito branco, crespo e alto, flutua como uma nuvem macia sobre a cabeça dela. Se alguém entrar nesse instante e as vir assim, uma diante da outra, a nigeriana vestida com um amplo

bubu em tons de azul, a menina com um vestidinho branco, pensará tratar-se de uma instalação artística. “A Deusa e o seu anjo” seria um título possível.

“Não sei por que vim”, escreve Cornelia. “Ainda o avião não tinha pousado e já eu estava arrependida.”

“Dizes sempre isso”, contesta Pierre. “Tua presença é importante. Passamos o tempo a queixar-nos de que há poucos festivais literários em África. Temos de apoiar aqueles que aparecem. Além disso, estive a ver fotografias da Ilha de Moçambique. Casarões coloniais, praias maravilhosas. A história e a natureza juntas num mesmo espaço. Lembra Zanzibar. Devia ter ido contigo.”

“Não. Eu é que devia ter ficado contigo, a escrever.”

“Disseste-me que irias porque essa viagem, arrancando-te de tua zona de conforto, talvez te devolvesse à escrita. Lembras-te?”

“Péssima ideia. Quero sair daqui.”

“Mas por quê?”

“Metade desta cidade está em ruínas. A outra metade é um bairro de lata.”

“E então?”

“Uma menina albina segue-me por toda a parte, como um cachorrinho.”

“A sério?”

Cornelia fotografa a menina e envia a imagem.

“Achaste que era uma alucinação?”

“Que linda, ela! Ainda acho que é uma alucinação.”

“As alucinações não se deixam fotografar.”

“A maioria não. Mas tu tens alucinações muito sólidas. Essa, eu acho maravilhosa. Não estás num bar? Oferece-lhe um *croissant*.”

“Achas que aqui, neste buraco, fazem *croissants*?”

“Então uma torrada. Alguma coisa. Como é que ela se chama?”

“Sei lá como se chama!”

“Pergunta-lhe como se chama.”

“Não falo português.”

“Pergunta em inglês. Mesmo não falando a língua, ela vai compreender.”

Cornelia pousa o telefone e encara a menina.

— Como te chamas?

A garota sacode a cabeça, fazendo com que a esplendorosa nuvem que a coroa se agite levemente.

— Ainur — murmura.

Cornelia volta a pegar no telefone. Escreve:

“Chama-se Ainur.”

“Agora pede alguma coisa para ela comer.”

A menina volta-se e sai a correr.

“Fugiu”, escreve Cornelia. “As crianças têm medo de mim.”

“Na fotografia não parece assustada. Parece fascinada. Eu tinha aquele mesmo olhar quando te vi pela primeira vez.”

“Não fugiste quando perguntei o teu nome.”

“Estava maravilhado. Estava aterrorizado. Queria muito fugir, mas era impossível. Se bem me lembro, havia oitocentas pessoas a nossa frente, e todas elas estavam ali por tua causa.”

“Ah! Ah! Só tu para me fazeres rir.”

“É o meu ofício e o meu destino. Vivo para te fazer sorrir. Não te esqueças de que sou o teu iluminador oficial.”

Cornelia Oluokun abre um sorriso genuíno. Faz sinal à funcionária, uma moça magra, tímida, que se aproxima em passos lentos. Pede-lhe mais um café e um *croissant*. Sim, vendem *croissants* ali. E não são nada maus.

Mais do que os velhos móveis indo-portugueses trazidos de Goa séculos atrás, o que encanta Jude d'Souza é a luz. O ar que a sustenta parece-lhe muito anterior às veneráveis poltronas, às conversadeiras, às mesas e às escrivaninhas que enchem os amplos salões do antigo Palácio dos Capitães-Imperiais. O suave esplendor que doura o soalho e adoça os ângulos dos móveis deve estar armazenado ali desde que construíram o edifício, em 1610, para servir de colégio à Companhia de Jesus. A data, anotou-a no telefone enquanto escutava o guia, um jovem curioso, que fala um inglês razoável e se mostra interessado em saber o que um nigeriano – o primeiro que ele conhece – vem fazer à ilha.

Jude pergunta se pode fotografá-lo junto a uma das janelas, olhando para o mar, com o belo rosto, de traços árabes, refulgindo no fulgor antigo. O jovem ri-se (chama-se Juma) e faz pose, encolhendo a barriga e inchando o peito. O escritor tira a Leica da mochila e clica três vezes.

— Ok! — diz e, quando Juma relaxa, clica de novo. Depois fotografa uma escrivaninha. Envia as duas fotografias para o iPhone e as coloca no Instagram. “Juma, guia do Museu da Ilha de Moçambique, mostrando-me a luz de um tempo morto” é a legenda da primeira fotografia. Sob a segunda escreve: “Se tivesse uma escrivaninha como esta, certamente escreveria mais. Certamente escreveria melhor”.

Ao sair do Museu da Ilha de Moçambique, uma hora mais tarde, não resiste a abrir o Instagram. Cada uma das fotos já tem mais de três mil *likes* e centenas de comentários.

— Vou mergulhar — anuncia Luzia, enquanto despe a saia e a blusa. Descalça as sandálias e senta-se, de biquíni, com os pés mergulhados na quieta escuridão das águas. Ofélia solta as alças do vestido e levanta-se, deixando que este deslize até os pés. Não está de sutiã. Ajoelha-se no deque, ao lado da jovem.

— E então, menina, vamos?

— Estou a ganhar coragem.

— Por mim, podem mergulhar — diz Daniel. — Mas, se um raio cair na água, é bem provável que morram eletrocutadas.

— Nisso, o Daniel tem razão — concorda Uli. — Não pensei que quisessem nadar quando organizei a trovoada.

Luzia tira os pés da água. Levanta-se.

— Vocês são uns chatos — diz, fingindo-se irritada.

Ofélia mergulha. Nada em direção à tempestade.

Abdul trabalha há cinco anos no bar do hotel Villa Sands. Já viu muitas mulheres despirem-se no deque, ao lado da piscina. Algumas ficam apenas com os seios nus. Outras tiram toda a roupa e estendem-se nas espreguiçadeiras, a pele húmida e muito branca, como panacota. Jan prevenira-o: se alguma mulher se despir, não fiques parado feito uma coruja, com os olhos presos ao corpo dela. Faz de conta que não se passa nada. Na Europa, gostamos de nos despir não só nas saunas, mas também nas praias e nos parques, sempre que temos um pouco de sol. Abdul fazia um esforço enorme para não olhar a bunda fulgurante das europeias. Como explicou nessa mesma manhã à avó, dona Cinema, enquanto matabichavam, aquele não era um emprego fácil.

A escuridão abre-se num súbito esplendor silencioso.

Uli sorri para Luzia.

— Não é para me gabar, mas a noite está mesmo bonita.

O mar continua liso. A maior piscina do mundo, nas palavras de Luzia. E logo outro relâmpago, e outro, e outro, sem que o ribombar da trovada os alcance.

— Tiveste muito trabalho — troça Daniel.

Depois se cala. Calam-se os três, enquanto acompanham com o olhar a sombra de Ofélia, recortada contra o brilho negro da água e que agora regressa para junto deles em elegantes braçadas.

— Essa mulher tem coragem! — comenta Daniel.

Luzia encara-o com fúria.

— Porque nada com relâmpagos ou porque é demasiado velha para mostrar os peitos?

— Ela não é velha — defende-se Daniel. — É preciso ser muito jovem para nadar com relâmpagos.

— E para mostrar os peitos — acrescenta Uli. — Quanto a mim, sou velhíssimo. Não entro no mar em nenhuma circunstância, faça chuva, faça sol.

— Nunca compreendi isso — diz Daniel. — Por que tens tanto medo do mar?

Há um pesadelo recorrente que aflige Uli: vê a si próprio caindo morto no mar. Nunca contou isso a ninguém. Também não conta agora. Aponta para Ofélia, que sobe a rampa, sacudindo a água do cabelo. Abdul a espera com uma toalha, os olhos postos no chão. A poetisa sorri.

— Podes olhar para mim, Abdul.

Abdul não olha. Ela enrola a toalha no tronco, acima do peito, e regressa para junto dos outros escritores. Começa a chover. Ofélia recorda os versos com que despertou. Pensa na avó, abraçando-a, e sente o cheiro dela, de terra molhada, capim verde, frutos silvestres. Fala alto, mas é como se fosse só para si:

— Tudo o que é líquido me chama.

— Ofélia é poetisa a tempo inteiro — diz Daniel.

A água cai agora com mais força, mas ali, sob o toldo branco, estão protegidos. Nos dias seguintes não voltará a chover na ilha.

— Se não for a tempo inteiro, ninguém chega a poeta — contesta Luzia, adiantando-se a Ofélia. — Poeta não é ofício, é condição.

Luzia distingue-se dos outros pela juventude. Contudo, não se mostra intimidada. Cresceu numa casa frequentada por artistas e escritores, amigos do pai, Camilo Valente, ele mesmo um poeta, com meia dúzia de livros publicados durante os anos agitados da Revolução Angolana. Fora ministro do Interior e era agora deputado do partido no poder e professor de história de África na Universidade Agostinho Neto.

Ofélia sorri como uma mãe aprovando a filha adolescente. Para ela, ser poetisa é como nascer com um sentido a mais – o do espanto.

— Todos os poemas são uma cartografia do espanto.

— Eu escrevo para apaziguar a dor — murmura Luzia.

— Falas como os escritores portugueses — troça Daniel. — Os portugueses é que escrevem porque sofrem e sofrem enquanto escrevem. É uma espécie de ciclo doloroso.

Uli ri-se.

— De português e de louco, todos temos um pouco.

— Eu sou apenas louca — assegura Ofélia. — Não tenho nem um osso português.

— “Não tenho nem um osso português” — declama Luzia, com voz grave. — “Exceto o deste ofício de poeta.”

Uli reconhece os versos.

— Pedro Calunga Nzagi. O grande mistério da literatura angolana...

— O pai de todos nós — diz Ofélia.

— Até dos moçambicanos — reconhece Uli. — Morreu, não morreu?

— Não morreu! — assegura Luzia. — Desapareceu.

— Como é que desaparece um fantasma? — pergunta Uli, num tom trocista. — Alguém alguma vez o viu?

— Viu, sim — assegura Daniel. — Eu escrevi uma reportagem sobre ele.

— Faz sentido — diz Uli. — Afinal de contas, ficaste conhecido a escrever sobre desaparecidos e desaparecimentos.

Daniel conta como foi. Em 1998, o júri do Prémio Nacional de Literatura, numa decisão corajosa segundo uns e extremamente irresponsável na opinião de outros, decidiu atribuir o galardão a Pedro Calunga Nzagi. Viviam-se tempos duros. A guerra eternizava-se. O regime fingia ter-se democratizado, confraternizando com deputados dos partidos de oposição num parlamento de fachada, ao mesmo tempo que perseguia os jornalistas mais impertinentes. Pedro Nzagi publicara seu primeiro livro de poemas, *Insurgência!*, em 1965, numa pequena editora luandense. O livro fora logo apreendido pela polícia política portuguesa. Salvaram-se, contudo, meia dúzia de exemplares, da qual se fizeram algumas centenas de cópias, que, durante anos, circularam de mão em mão. Os versos de Nzagi eram lidos em serões clandestinos. Alguns foram musicados. Em 1973, surgiu um novo título, numa editora portuguesa, com o nome de Pedro Calunga Nzagi: *Fogo posto*. O livro conseguiu driblar a censura, ganhando um dos mais importantes prémios literários de Portugal. O autor, porém, não compareceu à cerimónia de premiação nem concedeu nenhuma entrevista. Cinco anos após a independência, foi publicada, também em Lisboa, uma terceira recolha de poemas: *Não era isto que estava combinado*. O livro provocou larga controvérsia em Angola. Nzagi condenava o novo regime marxista, em versos ácidos e irónicos e, ao mesmo tempo, profundamente líricos. Escritores próximos do regime que o haviam incensado na época colonial apressaram-se a condená-lo, acusando-o de defender ideias reacionárias e neocolonialistas. Ao atribuir-lhe o Prémio Nacional de Literatura, em 1998, o júri, constituído por cinco jovens escritores, entre os quais Ofélia Eastermann, sabia que estava a provocar a ala mais conservadora do regime. No dia seguinte, o Ministério da Cultura emitiu um comunicado seco e agreste, retirando o prémio de Nzagi e nomeando um novo júri. Daniel Benchimol percebeu que tinha um bom pretexto para investigar a vida e o paradeiro

do misterioso escritor. Conversou com o editor de *Insurgência!*, Mário Melo, um velho maçom benguelense que afirmou recordar-se muito bem do jovem poeta que, certa tarde, lhe batera à porta com um manuscrito debaixo do braço:

“Era um tipo alto, sólido, bem-apessoado. Fiquei impressionado com o olhar dele, direto, firme; e ainda mais impressionado fiquei com a segurança com que discutia qualquer assunto. Na época, não devia ter mais de vinte e cinco anos, mas falava como alguém que já tivesse vivido oitenta. Tratava a vida por tu. Concordei em publicar o livro sem sequer o ler. Perdi dinheiro, é claro, porque a polícia recolheu e destruiu a maior parte dos exemplares que imprimimos, mas nunca me arrependi.”

Daniel conversou depois com o editor português. Também este se lembrava do poeta angolano:

“Um sujeitinho baixinho, magrinho, apagadinho, que me entregou os originais como se estivesse a pedir-me desculpa. Eu já o conhecia, naturalmente, tinha lido *Insurgência!*, um livro mítico, e disse logo que sim.”

O jornalista conversou ainda com três escritores, que afirmavam ter conhecido Nzagi em diferentes locais e circunstâncias. Um deles descreveu o poeta como um médico de Moçâmedes, branco, chamado Alberico da Fonseca. Outro riu-se do retrato do primeiro.

“Nzagi era preto. Preto como eu. Foi professor de Matemática no Liceu do Huambo. Morreu há cinco anos.”

O último escritor, Rufino Pereira dos Santos, integrara o júri do Prémio Nacional de Literatura em 1998. Contou que Nzagi o procurara, em plena polémica decorrente da atribuição do prémio, para agradecer-lhe o gesto e confiar-lhe o manuscrito de um romance intitulado *Os três leões*. Era, nas palavras de Pereira dos Santos, um mulato elegante e de poucas palavras. Santos criara uma minúscula editora, a Soyo, que vinha publicando livros quase artesanais, muito bonitos. Ficou radiante por poder publicar pela primeira vez *Os três leões*, livro que

ganharia vários prêmios, em Portugal, no Brasil e na França. Seu autor não compareceu aos lançamentos nem para receber os prêmios. Não se lhe conhece uma única entrevista. Nunca nenhum jornal publicou imagem dele. Daniel está convencido de que Pedro Calunga Nzagi é pseudônimo literário e de que o homem que o utiliza recorreu a outras pessoas para entregar os originais aos editores.

Aguardam a sobremesa quando aparece Jan. Traz os cabelos molhados, caídos sobre a testa, a camisa encharcada.

— Fui andar de bicicleta. A chuva apanhou-me junto à fortaleza. Se fosse na Suécia, teria de mudar de roupa. Aqui não vale a pena, seja como for estou sempre molhado; quando não é por causa da chuva, é por causa do calor. Mas não me queixo, eu gosto. E esse festival, começa quando?

— Os debates e as conferências começam amanhã — explica Daniel. — A maior parte dos escritores já chegou. Tem sido tranquilo. Apenas um ou outro pequeno susto, um ou outro escritor um pouco mais difícil.

— Nós, não! — grita Luzia. — Nós somos os fáceis.

— Eu, desde que possa comer todas as noites vosso *tiramisu*, fico feliz, não causo problemas — assegura Uli.

— A única pessoa que se queixou do nosso *tiramisu* foi a escritora nigeriana — revela Jan.

— Ora nem mais — diz Ofélia. — Creio que Daniel se referia a essa pessoa quando falava em escritores difíceis.

— Não confirmo nem desminto. A propósito, preciso falar com ela. Infelizmente, não tenho rede. Vocês têm?

Ninguém tem.

— A internet também não funciona — diz Jan. — Deve ter sido a tempestade.

— Então, estamos isolados? — pergunta Luzia. — Estamos verdadeiramente numa ilha?

É assim que tudo começa: a noite rasgando-se num enorme clarão, e a ilha separando-se do mundo. Um tempo terminando, um outro começando. Naquela altura, ninguém se apercebeu disso.

TUSQUETS
EDITORES